



Educomunicação em Movimento: Vozes que Ecoam Saberes e Resistências¹

Fábio Prado Santana Filho²;
Luana Ferreira Sampaio³;
Maria Teresa Pauleto do Prado⁴;
Nilton José dos Reis Rocha⁵;
Coletivo Magnífica Mundi⁶;
Universidade Federal de Goiás (UFG).

RESUMO

Este trabalho aborda uma jornada de extensão, realizada pelo coletivo Magnífica Mundi entre os dias 25 a 29 de fevereiro de 2025. A jornada teve como objetivo principal a realização de oficinas de rádio no 1º Encontro de Formação em Comunicação Kalungueira para Lideranças Quilombolas, além de promover o reencontro com antigos parceiros em regiões próximas ao encontro. A extensão promovida pelo coletivo prezam pela formação dos estudantes e reforçam o compromisso da Magnífica com a coletividade, extensão e as trocas mútuas do ensino e aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão Universitária; Oficina; Rádio; Kalunga; Educomunicação.

INTRODUÇÃO À MAGNÍFICA MUNDI

O coletivo Magnífica Mundi, fundado em 2000 na Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG), surgiu como uma proposta inovadora de articulação entre teoria, prática e extensão no ensino de jornalismo. Inicialmente criado com recursos limitados e com forte protagonismo estudantil, o projeto consolidou-se como um complexo de comunicação comunitária que integra rádio comunitária, rádio online e webtv, operando sob a perspectiva da comunicação pública, democrática e colaborativa.

As atividades da Magnífica Mundi são desenvolvidas a partir de uma lógica laboratorial, onde estudantes, professores, técnicos e parceiros atuam conjuntamente em produções e distribuições de conteúdos. Ao contrário, a Magnífica promove a vivência real da produção comunicacional, por meio de coberturas ao vivo, transmissões em rede e participação ativa de movimentos sociais, conectando a comunidade acadêmica a demandas sociais concretas.

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: fabio.prado@discente.ufg.br

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: luanasampaio@discente.ufg.br

⁴ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: pauleto@discente.ufg.br

⁵ Professor do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: niltin@ufg.br

⁶ Projeto de Extensão do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: magnificamundiufg@gmail.com



Além do aspecto técnico, o coletivo cumpre importante função pedagógica e política. Através de oficinas, transmissões colaborativas e integração curricular, os estudantes são estimulados a refletir criticamente sobre as tecnologias digitais e os papéis sociais do jornalismo.

Por meio disso, foi promovida a jornada de extensão durante os dias 25 a 29 de fevereiro de 2025, para colaborar na formação de rádio do 1º Encontro de Formação em Comunicação Kalungueira para Lideranças Quilombolas, em Cavalcante. O coletivo uniu a ida à cidade com a visita de antigos parceiros em regiões próximas, como a Escola do Sertão, em Alto Paraíso, e a comunidade quilombola Kalunga Riachão.

EDUCOMUNICAÇÃO NA ESCOLA DO SERTÃO

A educomunicação é um campo interdisciplinar e interdiscursivo que integra práticas pedagógicas e comunicacionais que transforma os processos educativos em experiências mais participativas, críticas e expressivas.

[Educomunicação] é o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádios educativos", e outros espaços formais ou informais de ensino e aprendizagem. (SOARES, 2000, pág. 43)

Quando voltada para o universo infantil, essa prática promove a reflexão e o pensamento humanista crítico através do estudo e da produção de meios de comunicação como alavanca para educar e construir uma sociedade mais humanizadora, portanto reconhecendo as crianças como sujeitos de direitos e voz, capazes de criar, comunicar e refletir sobre o mundo ao seu redor.

Nesse sentido, as comunicações realizadas principalmente por meio das plataformas digitais, apresentam diversos desafios para a sociedade, e sobretudo, sobre as crianças. Isso se dá devido à facilidade de difamação de informações inapropriadas e falsas, além da falta de habilidades críticas para refletir sobre o assunto consumido, tornando-os mais vulneráveis para informações estereotipadas e manipuladoras.

Esse problema pode ser ilustrado pelo contexto ocorrido na Escola Municipal Santo Antônio da Parida, ou mais conhecida como Escola Sertão, localizada na comunidade rural do município de Alto Paraíso de Goiás. No dia 26 de março de 2025, uma terça-feira, iniciamos uma viagem do coletivo Magnífica Mundi para uma jornada que se iniciou na



Escola Sertão, os integrantes juntamente com o professor Nilton e o Macarrão - motorista que nos acompanhou durante essa viagem.

Chegamos na noite de terça e foi apenas na quarta-feira (27) que tivemos a interação com as crianças - e mais do que isso, a conexão - com as crianças que estudam lá. Inicialmente, os alunos estavam tímidos; afinal, haviam adultos que eles nunca haviam visto anteriormente em um espaço que eles frequentam cotidianamente. Entretanto, após um tempo de conversa, uma relação foi finalmente criada entre nós, do coletivo Magnífica, e os alunos, especialmente aqueles mais novos - uma relação que aumentou e se tornou mais próxima a cada momento que passava.

Além disso, foi um período de compartilhamento de ensinamentos, algo que é considerado fundamental para o coletivo. Compartilhar “enquanto método em todas etapas e atividades (...) o esforço em construir, coletivamente, todas práticas e suas narrativas” (REZENDE; LEITE; ROCHA, 2021, pág.209). A experiência do coletivo Magnífica Mundi na Escola do Sertão evidenciou os desafios e potencialidades de traduzir os processos de comunicação para o microcosmo infantil. Diferente das abordagens voltadas ao público adulto, que se sustentam na lógica da objetividade, da linearidade e da exposição factual, a prática educ comunicativa com crianças exige uma adaptação da linguagem, da metodologia e das formas de mediação. Ao se deparar com um universo simbólico próprio, permeado por imaginação, ludicidade e afetividade, os integrantes do coletivo perceberam a necessidade de reconfigurar seus próprios códigos comunicacionais, tornando-os mais acessíveis e significativos para os sujeitos em formação.

Neste contexto, a comunicação deixa de ser apenas um instrumento de transmissão de informação e se torna um processo vivo, dialógico e afetivo, que reconhece e valoriza as múltiplas formas de expressão das crianças. A construção de narrativas imagéticas, o uso de jogos, brincadeiras e exemplos do cotidiano infantil demonstraram ser estratégias eficazes para promover uma aproximação real com os estudantes. Oficinas de fotografia e vídeo, por exemplo, foram ressignificadas não apenas como aprendizado técnico, mas como espaços de escuta, experimentação e protagonismo das crianças, que retribuem com ensinamentos próprios — como movimentos de capoeira ou brincadeiras de roda — criando um ciclo de aprendizagem horizontal e sensível.

Assim, o processo de educ comunicação vivenciado na Escola do Sertão permitiu a construção de uma forma mais humanizada de se fazer comunicação, ancorada no olhar e na



lógica das crianças. A escuta ativa, a empatia e o respeito ao tempo e ao modo infantil de estar no mundo foram elementos centrais para estabelecer conexões verdadeiras. A comunicação, nesse sentido, não apenas foi ensinada, mas vivida em sua essência relacional e transformadora. Este encontro entre mundos – o técnico e o lúdico, o adulto e o infantil – reforça a importância de práticas comunicacionais que se abram à alteridade e que reconheçam nas crianças não apenas futuros cidadãos, mas sujeitos plenos de saberes e experiências desde agora.

RÁDIO KALUNGUEIRA

Durante o 1º Encontro de Formação em Comunicação Kalungueira para Lideranças Quilombolas, o coletivo Magnífica Mundi ofertou uma oficina de rádio com foco na escrita de roteiros e na linguagem radiofônica. A atividade se estruturou em três momentos distintos: técnica, oratória e produção textual. No que se refere à escrita, a oficina buscou apresentar aos participantes as principais estruturas do roteiro radiofônico, abordando desde os elementos básicos — como vinhetas, passagens e diálogos — até as formas narrativas possíveis dentro do meio sonoro. A construção de roteiros foi tratada não apenas como um processo técnico, mas como um campo aberto à subjetividade, onde a experiência individual de cada liderança quilombola pôde ser reconhecida como ponto de partida legítimo para a criação.

A oficina também trabalhou intensamente a dimensão da oratória como componente fundamental da comunicação radiofônica. Por meio de exercícios práticos de entonação, respiração e ritmo da fala, os participantes foram incentivados a explorar suas próprias vozes como instrumentos políticos e expressivos. A escuta ativa, a segurança ao se posicionar ao microfone e a consciência sobre o impacto da palavra oral no rádio foram pontos centrais da formação, especialmente considerando o papel das lideranças quilombolas como mediadoras de informação e memória dentro de seus territórios. Assim, a oratória foi tratada como prática de empoderamento e autonomia comunicativa.

Ao articular a técnica do roteiro com a prática da oralidade, a oficina proporcionou um ambiente de experimentação coletiva, no qual a linguagem radiofônica foi compreendida como ferramenta de fortalecimento identitário e de ampliação de vozes historicamente silenciadas. Ainda que a escrita radiofônica possua diretrizes e formatos específicos, foi reforçada a ideia de que há um espaço criativo e afetivo que permite a expressão singular de



cada participante. Nesse sentido, a linguagem do rádio foi ressignificada não apenas como meio de comunicação, mas como espaço simbólico e político de afirmação cultural das comunidades Kalunga.

A oficina de técnica de rádio, teve como objetivo ensinar como operar a mesa de som, e equipamentos da rádio. Além de apresentar como o que é falado nos microfones consegue ser transmitido por meio da internet e da frequência FM, através de um transmissor e uma antena.

Essa possibilidade de poder divulgar a rádio para lugares antes apenas sonhados, mas inacessíveis proporcionou um momento mágico e de profunda reflexão. Em um contexto urbano, estamos muitas vezes acostumados com a rádio, ouvindo cotidianamente sem mesmo notar, como um ato involuntário e automático. No entanto, para alguns participantes dessa oficina, esse universo ainda era distante. Assim, o envolvimento com a prática durante despertou uma curiosidade e sobretudo a percepção do potencial da comunicação.

A rádio, enquanto meio de comunicação acessível e de forte presença local, tem o poder de conectar pessoas, dar voz a diferentes grupos e promover a circulação de informações relevantes para o cotidiano da população, permitindo que diferentes histórias e realidades sejam ouvidas. Sob esse olhar, dar oficina de rádio, parte mais do que o ensino de técnicas de locução, produção ou operação de equipamentos, trata-se de criar um espaço de escuta, expressão e pertencimento, em que as pessoas se sentem à vontade. A troca de saberes e experiências sobre a rádio é semear comunicação com propósito, inclusão e transformação.

Em um momento de sobrecarga de informações e notícias desconstruídas, poder capacitar comunidades para produzir seus próprios conteúdos radiofônico é um ato de empoderamento e resistência, já que através dela, os moradores podem compartilhar suas histórias, denunciar problemas, divulgar ações sociais e valorizar saberes e talentos da própria comunidade. Nesse viés, a rádio se torna um canal direto de fortalecimento do tecido social, permitindo que as vozes locais ecoem onde antes havia silêncio.

EXPERIÊNCIA NO KALUNGA

Sexta-feira, 28 de março de 2025, depois de ver no ar as produções da Rádio Kalungueira almoçamos e pegamos a estrada para um novo destino. Saímos de Cavalcante rumo a casa de Dona Procópio, da comunidade quilombola Kalunga Riachão.



A viagem ao Kalunga era fruto de uma semente plantada 37 anos antes, em junho de 1987, no primeiro encontro do jornalismo da UFG com a comunidade. Este contato se deu devido à ameaça da construção da hidrelétrica de Furnas, que projetava construir uma barragem no Rio Bezerra que alargaria o território Kalunga. Foi apenas em 1991, depois de muitas lideranças defenderem a comunidade, que foi aprovado o projeto de lei que decretou o território Kalunga como patrimônio cultural e sítio de valor histórico do Estado de Goiás, que conseguiu impedir a implementação da hidrelétrica. (MONTES, M. L; LOPES, A. L; Uma História do Povo Kalunga.)

Depois de horas de estrada vimos a terceira escola da região chegando na casa de Dona Procópio, o primeiro local de ensino da comunidade tinha chegado apenas em 1990. Procópio é uma liderança quilombola que aos 92 anos é Dra. Honoris Causa e uma das indicadas ao prêmio Nobel da Paz em 2005, além de imenso currículo de luta e conquistas para seu povo.

Conversar com a Dra. Kalunga era como comer o fruto mais doce da árvore, que nos enriquece por dentro e auxilia no nosso próprio amadurecimento. Quase centenária, Procópio conta histórias antigas como se tivesse vivido elas ontem, com um olhar que carrega o mundo na íris. Quando questionada sobre a importância dela e de todos os seus feitos, a senhora responde que apesar das grandes vitórias, aquilo não era muito. Na estrada reflito sobre as conquistas de Procópio: estudo, água e energia para seu povo – anos de luta para exigir os direitos básicos de qualquer cidadão.

No fim da noite de sexta chegamos na casa de Seu Geraldo e Dona Denícia, mais uma família que abre as portas para nós. A noite e a manhã de sábado foram marcados por trocas ancestrais e da terra, que abraça o povo Kalunga e nos acolhe. A experiência dos Kalungas conosco são as aulas de história que não aprendemos na escola, é preciso sair do universo das grandes cidades e tecnologias que nos afastam dos nossos antepassados.

REFERÊNCIAS

MONTES, M. L; LOPES, A. L; Uma História do Povo Kalunga; 1ª ed., Brasília: Ministério da Educação, 2001.

REZENDE, D.; LEITE, J.; ROCHA, N. As águas e os saberes no Sertão. Editora: Águas Produções. 2021.

SOARES, I. O. Educomunicação: um campo de mediações. Comunicação & Educação. São Paulo: ECA/USP-Editora Segmento, Ano VII, set/dez. 2000, nº 19.